



GT09 - Trabalho e Educação – Trabalho 438

TRABALHO UBÍQUO NA PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*: IN/EXTENSIFICAÇÃO E MULTITAREFAS

Rafael da Cunha Lara – UFSC

Elisa Maria Quartiero – UDESC

Resumo

O trabalho docente universitário, mediado por tecnologias digitais e móveis, ganha cada vez mais contornos de atividade ubíqua, com suas paradoxais repercussões: desbordamento de fronteiras entre público e privado, lugar e não lugar, presença e ausência. A ubiquidade é um conceito emergente no contexto do avanço do uso das tecnologias digitais nos setores produtivos e no cotidiano em geral. Suas repercussões afetam dois elementos comuns a todas as atividades humanas: tempo e espaço. Essa dinâmica é também tributária da reestruturação produtiva e da incorporação do seu *modus operandi* nas políticas de regulação e avaliação da pós-graduação brasileira, que tensionam o trabalho docente sob diferentes aspectos. A partir de investigação realizada junto a 1.169 pesquisadores/docentes de 48 Cursos de Doutorado em Educação, analisamos e discutimos as tendências do trabalho ubíquo, em um contexto em que trabalho e educação estão sob forte ataque das políticas governamentais. As análises sinalizam uma intensificação do caráter multitarefa de trabalhar e da in/extensificação do trabalho para outros tempos e espaços, o que redesenha e compromete o trabalho intelectual dos pesquisadores.

Palavras-chave: Trabalho ubíquo; Pós-graduação; Trabalho docente; In/extensificação do trabalho.

1 INTRODUÇÃO

Com o presente texto, discutimos aspectos e resultados de uma pesquisa de doutorado, por meio da qual analisamos os processos de trabalho de professores que atuam na pós-graduação (PG) *stricto sensu* em Educação a partir da incorporação das tecnologias digitais (TD). Nesse sentido, o presente estudo apresenta-se coetâneo com as necessidades do tempo presente, no qual temos assistido a uma série de ataques aos

direitos sociais, em especial ao trabalho e à educação¹, por meio de dispositivos governamentais, apoiados e/ou patrocinados por diferentes meios legais, via parlamento, e por estratégias dos aparatos mediáticos da sociedade. Evidenciar os retrocessos nessas áreas demanda compreender o lugar da pesquisa e do trabalho na PG neste contexto de fusões de uma série de elementos políticos, econômicos e culturais.

No presente texto, chamamos a atenção para o fenômeno da ubiquidade a partir das relações estabelecidas entre tecnologias, tempos e espaços, com base nos sentidos atribuídos pelos professores participantes da pesquisa sobre o seu trabalho na PG. Na pesquisa realizada, constatamos o caráter ubíquo que perpassa o trabalho docente – na acepção que lhe empresta Santaella, como veremos –, haja vista que, para 98,3% dos professores, o redimensionamento de tempos e espaços de trabalho foi o aspecto que mais se alterou. Sob a abordagem do estudo de caso múltiplo (YIN, 2001), a pesquisa envolveu professores que atuam em cursos de doutorado de 48 Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE)² de universidades públicas e particulares das cinco regiões geográficas brasileiras, composto por um universo de 1.169 docentes. A análise dos dados foi feita com base nas premissas de Orlandi (2009), a partir das respostas dos professores participantes do estudo sobre as alterações em seu trabalho em função da incorporação de TD.

Compreendemos a emergência da ubiquidade no trabalho como decorrência da incorporação de TD ao cotidiano e das fissuras perpetradas em duas dimensões comuns a todas as atividades humanas: tempo e espaço, o que torna a ubiquidade um fenômeno multidisciplinar. Sua origem pode ser localizada, segundo Thompson (2002), na gradativa disjunção espaço-tempo, intensificada a partir do século XIX com os meios de transporte e de comunicação, em um processo no qual o distanciamento espacial foi aumentando, enquanto a demora temporal foi sendo virtualmente eliminada, alterando a percepção social de que “o mesmo tempo” pressupunha “o mesmo lugar” e dando um novo sentido à experiência da simultaneidade. Enquanto construção social, ubiquidade

¹Em termos gerais, a título de exemplo, destacamos as proposições sobre a reforma do Ensino Médio, o projeto da “Escola Sem Partido”, a reforma da Previdência, o congelamento de investimentos públicos e a reforma trabalhista realizada de modo fragmentado, com substanciais mudanças nos direitos dos trabalhadores, como a PLS 190/2016, que prevê a contratação de um profissional multifuncional para atender às crescentes demandas do mercado de trabalho por empregados polivalentes. Especificamente no tocante à PG *stricto sensu*, destacam-se sucessivas medidas que resultam na intensificação e na extensificação da jornada de trabalho ou no chamado “produtivismo acadêmico” que traz como decorrência um “mal-estar na academia” (TREIN; RODRIGUES, 2010).

² O critério de seleção dos PPGE participantes da pesquisa foi a existência de pelo menos uma tese defendida no Programa até o momento da coleta de dados, feita via questionário eletrônico.

está atrelada à ideia de onipresença; e caracteriza-se como uma faculdade com nuances divinas e/ou como a qualidade do indivíduo estar concomitantemente presente em diferentes lugares ou em toda parte, o tempo todo. Nos estudos sobre cultura digital, a ubiquidade aparece atrelada ao advento da chamada “hipermobilidade” (a mobilidade física acrescida de uma segunda mobilidade no ciberespaço, propiciada pelo uso de dispositivos digitais e móveis) e dos espaços multidimensionais que levam a um controverso processo de presença-ausência, de público-privado. Na perspectiva de Santaella (2013, p. 128), a ubiquidade tornou-se possível pela emergência de um outro espaço que não o físico (o ciberespaço), ambiência na qual o ser humano adquire o “poder de estar em mais de um lugar ao mesmo tempo [...], onipresente”, em uma “recém-adquirida condição do ser humano em ser ubíquo [...]”. Todavia, entendemos que esse é um fenômeno que, além de emergente, precisa ser melhor compreendido nos estudos sobre o trabalho e em suas relações com outros aspectos oriundos do campo social, das políticas de governo, da reestruturação produtiva e das novas morfologias do trabalho.

2 DA UBIQUIDADE AO TRABALHO UBÍQUO

Por trabalho ubíquo entendemos a condição ou caráter ubíquo que perpassa as atividades humanas nas chamadas “sociedades tecnológicas”; algumas dessas atividades de modo mais intenso, como a docente, em função da incorporação de tecnologias digitais e móveis ao cotidiano de vida e trabalho. Uma breve revisão de literatura permite vislumbrar que trabalho ubíquo não se trata de um conceito usual. No entanto, aspectos relacionados à ubiquidade têm se tornado emergentes em áreas como a computação, informática, engenharia, automação, sistemas de informação, comunicação e educação que têm interface com as tecnologias digitais.

De nossa perspectiva, o trabalho ubíquo como característica emergente do trabalho docente não está restrito aos processos de trabalho realizados por meio das TD, mas é tributário da ubiquidade característica da cultura digital instaurada sob o capitalismo tardio (CRARY, 2014) e que permeia processos comunicacionais, de ensino e aprendizagem e, por conseguinte, de trabalho, dada a intersecção dos espaços *on-line* e *off-line*. A conotação ubíqua do trabalho docente, nesse contexto, diz respeito à

ampliação de espaços de atuação simultânea dos professores como decorrência dos preceitos da mobilidade que a incorporação de TD ao cotidiano proporciona, em função do desbordamento de fronteiras de diferentes espaços, como o público e o privado, bem como do redimensionamento do sentido de ausência e presença e de lugar e não lugar, visto que, com os atributos da ubiquidade, os indivíduos passaram a estar “sempre presentes” e sempre “disponíveis”, acessíveis (SANTAELLA, 2007; POWERS, 2012).

Nesse sentido, o trabalho ubíquo está intrinsecamente associado aos usos de dispositivos digitais e móveis, que abrem as portas para o trabalho independentemente dos espaços físicos (DAL ROSSO, 2008). Trata-se, por isso mesmo, de uma característica paradoxal da dinâmica do mundo social contemporâneo decorrente de uma série de transformações históricas, políticas e sociais, que alteram a percepção sobre tempos e lugares (AUGÉ, 2012) e no qual a tecnologia extrapola a esfera do trabalho (CATTANI; HOLZMANN, 2011).

Em nossa análise, partimos da constatação da centralidade das TD para os processos de reestruturação produtiva e mundialização do capital, com suas repercussões ao mundo do trabalho: o desemprego tecnológico, a formação de um *cibertariado* no setor de serviços, telecomunicações e tecnologias (ANTUNES; BRAGA, 2011), captura da subjetividade do trabalhador (ALVES, 2011), objetivadas em softwares e programação dos dispositivos (SENNETT, 2012), que leva à intensificação dos ritmos de trabalho (DAL ROSSO, 2008) e à necessidade de requalificação ou conformação do trabalhador, sob o risco de ser considerado obsoleto e perder seu posto de trabalho (BIANCHETTI, 2008), dentre outros aspectos. Além disso, Harvey (2012), atualizando o pensamento de Marx, reconhece nas TD os pilares que tornam possíveis a mundialização econômica no incessante afã do capital de reproduzir-se *ad infinitum*, em romper e contornar obstáculos espaciotemporais para sua circulação e reprodução.

Por sua vez, a adoção do ideário neoliberal nas políticas de regulação das universidades subordinadas às necessidades do mercado (CHAUÍ, 1999) traz, como consequências, a precarização e a intensificação e o controle sobre o trabalho docente (SGUISSARDI; SILVA JR., 2009), com modos muitas vezes compulsórios de incorporação de tecnologias aos processos de trabalho. Embora não se possa buscar nas tecnologias as causas ou consequências do fenômeno, os discursos entusiastas sobre sua incorporação ao trabalho muitas vezes mascaram o que há de mais perverso na lógica do

modo de produção capitalista: a degradação real das condições de trabalho e, por conseguinte, a degradação do trabalhador (ANTUNES; BRAGA, 2011).

Acrescenta-se a essa conjuntura os componentes da cultura digital na qual, constantemente conectadas, as pessoas passam a ter uma experiência de vida ubíqua, o que traz repercussões sobre o fazer e o pensar que perpassam o trabalho docente na PG. Em paralelo à *uberização* do trabalho (ABÍLIO, 2017), à criação da primeira universidade sem professores no Vale do Silício, à ameaça real do desemprego (tecnológico ou não) e do fim dos intelectuais acadêmicos (BIANCHETTI; VALE; PEREIRA, 2015), o trabalho ubíquo constitui-se como temática emergente e urgente nos campos de estudo sobre trabalho docente e para a agenda da PG *stricto sensu* brasileira.

Em nossa pesquisa identificamos que as TD (que potencializam a condição ubíqua de vida) está incorporada ao cotidiano docente: 77,5% dos professores as utilizam para a maioria das atividades de lazer e entretenimento; 74,4% utilizam internet em dispositivos móveis e 74,7% passam a maior parte do tempo conectados. Embora as alterações provocadas pelo uso das TD tenham melhorado processos de trabalho (como o acesso a fontes qualificadas de informação; a agilidade nas comunicações e na organização de dados, entre outros aspectos destacados pelos professores), no que diz respeito a aspectos da ubiquidade, o uso destas tecnologias no trabalho docente é controverso sob diferentes enfoques.

Figura 1 – Termos mais utilizados pelos participantes da pesquisa para descrever as alterações no trabalho com o uso de TD



Fonte: Elaboração dos autores (2017).

A nuvem de palavras evidencia as principais ocorrências nos depoimentos dos professores participantes da pesquisa. Nos limites desse texto, dentre os depoimentos dos professores³, analisamos aqueles que dizem respeito diretamente às alterações no trabalho a partir de elementos subjacentes à ubiquidade: tempos e espaços, simultaneidade, presença e ausência que, em conjunto, caracterizam como o trabalho ubíquo vem se constituindo no cotidiano de professores da PG brasileira. Alertamos que, embora apareçam depoimentos que chamem atenção para a celeridade de alguns processos ubíquos (a dispensa da presença física em alguns momentos e uma maior facilidade de organizar o trabalho, por exemplo), priorizamos a análise sobre a repercussão do trabalho ubíquo para o cotidiano dos professores/pesquisadores.

3 TRABALHO UBÍQUO IN/EXTENSIFICADO

O modo ubíquo como se organiza o cotidiano contemporâneo está diretamente ligado a uma mudança paradigmática no chamado rito da conexão (SANTAELLA, 2007) que leva a uma corrosão de fronteiras de lugares e espaços público e privado. Se nos primeiros anos de internet, a entrada no ciberespaço exigia um ritual de tempos e movimentos (se dirigir a um local físico fixo, ligar o computador e estabelecer conexão

³ Para manter o anonimato dos depoentes, nesse texto utilizaremos a letra P seguida de uma sequência numérica (p. ex.: P001) para identificar os/as participantes da pesquisa em seus depoimentos.

via *modem*), com a difusão da internet móvel esse ritual foi abolido e o que está contido no ciberespaço pode ‘saltar’ para o espaço onde o indivíduo se encontra. Não há ritual, não há preparação: constantemente e continuamente conectadas, as pessoas ficam à disposição do que vem pelo ciberespaço – inclusive as demandas de trabalho. Em nossa pesquisa, um dos elementos mais recorrentes nos depoimentos dos professores é a extensificação do trabalho para outros espaços, originalmente espaço privado, o que é, ao mesmo tempo, causa e consequência da intensificação do trabalho. Para 82,6% dos professores, uma das mais profundas alterações ocasionadas pela incorporação de TD é o fato de o trabalho invadir momentos e espaços de lazer e descanso. Nesse sentido, o redimensionamento de tempos e espaços de trabalho traduz-se como prolongamento de tempos (mais-valia absoluta e relativa concomitantes) e espaços (permeabilização das fronteiras) de trabalho (BIANCHETTI, 2008), o que Marx (1996) já havia anunciado como o processo de subordinação formal em sujeição real do trabalho ao capital.

Atrelado às condições de trabalho, o uso das TD favorece com que muitos professores (70,1%) não ‘desliguem’ do trabalho docente em momentos de não trabalho e alguns depoimentos evidenciam uma condição de trabalho degradante: “*Não tenho mais tempo livre, tempo para lazer, fins de semana, feriados e férias. O tempo para os amigos e familiares desapareceu. Tudo virou trabalho*” (P004). Ou ainda: “*O tempo de trabalho invadiu o meu tempo de lazer*” (P005). “*Não há mais férias ou tempo livre do trabalho*” (P014). Tal movimento de conjugação espaço-tempo de trabalho e não trabalho não é novidade, mas ganha nova conotação com a ubiquidade do modo de vida contemporâneo. Na tradição marxiana (MARX, 2011; 1996) já estavam evidenciados os aportes para a compreensão do processo de exploração e expropriação dos trabalhadores, na qual a categoria tempo aparece como fundamental, pois está na base da produção de mercadorias. Se o trabalhador contemporâneo vê-se com cada vez menos tempo livre e se, em alguns casos, a ubiquidade nos processos de trabalho faz com que ele trabalhe mais tempo do que antes, isso apenas reforça a atualidade do pensamento de Marx, que antecipava que o impulso imanente da produção capitalista é apropriar-se do trabalho durante todas as 24 horas do dia, aspecto este ressaltado na obra de Crary (2014).

Inúmeros depoimentos dos professores sinalizam para um trabalho em tempo integral; para a invasão, pelo trabalho, de tempos e espaços de não trabalho e apontam para a expropriação do tempo. Tomando por referência as distinções marxianas entre

exploração e expropriação, entendemos que o modelo Capes de avaliação, sob os auspícios da lógica do capital, expropria do professor o seu tempo de não trabalho. Nesse caso, embora muitos professores tenham personificado nas TD as condições para um trabalho mais degradante na PG, é a lógica sob a qual se desenvolve esse trabalho que favorece que “*o trabalho [venha] pelo ar*” (P057). “*O trabalho praticamente ocupa todo o tempo disponível. As TD [...] intensificaram o trabalho, aumentaram a produtividade [...]. O problema não está no avanço das tecnologias, mas sim no uso que os centros controladores do trabalho docente fazem delas*” (P051).

Entre os depoimentos acerca da in/extensificação do tempo de trabalho, observa-se que esse é um fenômeno sistêmico. O processo é de constante atividade, invasão de privacidade e diluição de horários e espaços públicos e privados, número ilimitado de horas de trabalho, trabalho em qualquer local e a qualquer tempo, perda de controle sobre o próprio tempo de descanso e inexistência de um ‘horário comercial’. No conjunto, esses depoimentos apontam para a diminuição ou o desaparecimento de finais de semana, férias e momentos de descanso, de lazer ou em família, remetendo ao que Marx (2011) se referia como base miserável da produção – nesse caso, produção acadêmica. Compelido à ideologia do produtivismo, resultante das políticas educacionais e que se constituem como pilar central da cultura universitária contemporânea, “o professor-pesquisador já a incorporou de tal forma que, para ele, tornou-se natural não ter tempo para o lazer, para a família, para o legítimo, necessário e humano descanso do final de semana. Seu trabalho converteu-se em sua droga cotidiana, sua paixão”. (SGUISSARDI; SILVA JR., 2009, p. 43-44).

Por sua vez, a incorporação das TD e o decorrente aspecto ubíquo do trabalho, dentro das condições de trabalho na PG, pode estar fortalecendo esse *vício em trabalhar*, que aparece em alguns depoimentos, em função do chamado tecnoestresse, um estado psicológico negativo de exaustão emocional relacionado ao uso (ou ameaça de uso) das TD no trabalho, caracterizado pela inabilidade de lidar de forma saudável com as tecnologias. Uma pesquisa publicada por Carlotto (2010) demonstra a relação entre a ansiedade provocada pelo tecnoestresse e a adição de trabalho (fenômeno caracterizado pelo trabalho excessivo associado com a necessidade de trabalhar constantemente), o que pode desencadear processualmente problemas físicos e psicossomáticos, uma vez que o indivíduo vai perdendo gradativamente o controle emocional em relação às exigências do seu trabalho.

Nesse sentido, adição de trabalho em decorrência do tecnoestresse corrobora com as conclusões de Sguissardi e Silva Júnior (2009) de que a vida pessoal e familiar se torna refém da prática universitária, o que repercute em alguns dos depoimentos: *“Intensificou-se a não separação de trabalho e família, ou trabalho e lazer (eu já misturava isso, usando o tempo fora da universidade para o trabalho. Agora, muito mais!)”* (P130). *“O tempo pessoal diminuiu e o tempo profissional aumentou”* (P158). *“Avalio que [as TD] cada vez se tornam mais presentes e que isso acaba por não delimitar mais os momentos de lazer e trabalho. Mesmo em férias não há como se desligar das atividades de orientação, por exemplo. Faço correções e interajo com os alunos”* (P167). Em paralelo, a conjugação entre intensificação e extensificação do trabalho leva a uma prática aparentemente cada vez mais comum (entre 72,9% dos professores) de reservar um tempo de seu descanso para responder e-mails de trabalho ou realizar outras atividades da PG com o uso das TD.

A exigência é velada e a cultura de trabalhar o tempo todo parece ser um processo sem volta, à medida que tal cultura é incorporada pelas novas gerações de professores que ingressam na PG sob a lógica produtivista.

A intensificação do trabalho é visível, e os tempos de trabalho e lazer se misturaram completamente, e creio que de forma irreversível. Assim, trabalho na pós-graduação todos os dias, a todo tempo. Isso não é, em si, um mal. A questão é que o número de tarefas realizadas aumentou muito e a expectativa dos outros – colegas, orientandos, familiares – é que estas sejam executadas imediatamente, o que gera uma grande tensão. Tanto para mim quanto para os outros. (P188).

Para mim, as maiores alterações são no dimensionamento do tempo livre e volume de trabalho. Como o acesso é livre e a todo momento, eu me sinto o tempo todo trabalhando, mesmo em momentos de lazer, uma vez que há uma exigência velada que suas respostas sejam rápidas e contínuas. (P266).

Nesse contexto, em que a universidade brasileira, e dentro dela a PG, opera cada vez mais sob a lógica mercantil e o produtivismo exacerbado baliza o trabalho do professor/pesquisador, o redimensionamento espaço-temporal parece vir ao encontro do que Sennett (2012) chama de “flexitempo”, uma nova estratégia de controle utilizada no mundo empresarial, surgida das necessidades do novo capitalismo, tornada possível pela utilização das TD e pelo modo de vida ubíquo. O prolongamento da jornada de trabalho, nos casos que evidenciamos, não necessariamente ocorre dentro das universidades, uma vez que com o uso das TD o trabalho pode ser transportado para qualquer lugar e estar sempre ao alcance de um “clique” (ou toque, usando uma simbologia mais contemporânea). Nessa direção, as TD passam a ser utilizadas à

serviço da exploração e, no contexto da PG, como mecanismos de autointensificação do trabalho, cujas condições podem ser sintetizadas neste depoimento:

Todos, a todo momento, todos os dias depois do período de trabalho, nos feriados, finais de semana ou férias, encaminham tarefas para serem realizadas, sem qualquer atenção para as necessidades de descanso e lazer. A administração da Universidade, coordenadores, diretores etc. encaminham solicitações de pareceres, tarefas administrativas etc. e mesmo as agências de fomento à pesquisa solicitam pareceres (com prazos) ou solicitam providências em processos em períodos de férias. O uso das redes sociais intensificou o trabalho e todos acreditam que todos devem estar presentes nestas redes e muitas vezes, o acesso a determinados sites ou agendas só podem ser realizados por meio dessas redes, obrigando os docentes a estarem sempre conectados. Em minha opinião, o problema, na verdade, não está nas TD, em si, mas na ausência de regulamentação dos processos de trabalho de um lado, na necessidade que se criou de usar as TD como elevação da produtividade, elevando a relação concorrencial entre pesquisadores[...]. Estamos diante do império do fugaz, efêmero e sempre substituível campo de um processo de informação que tem substituído os processos de formação. (P289).

Esse panorama evidencia que as relações entre produtividade e produtivismo acadêmico, ampliação de tempos e espaços de trabalho na PG e uso das TD nos processos de trabalho formam um quadro complexo, que agora começa a ser explicitado e a ganhar definições. Na contracorrente da cultura digital, os efeitos contraditórios do “atropelamento informacional” têm gerado ponderações, ainda que à margem das discussões predominantes que envolvem a emergência dessa cultura. Para além da extensificação do trabalho, evidenciamos também outro processo, que parece estar se tornando corriqueiro na cultura da PG: *a instalação de uma cultura de total disponibilidade do docente* (P003), em função da comunicação ubíqua propiciada pelas redes e dispositivos digitais.

4 MULTITAREFAS E POLIVALENTES: PROFESSORES UBÍQUOS E A CORROSÃO DO TEMPO DE ÓCIO

O ambiente ubíquo no qual se desenvolve o trabalho na PG é propício ao desenvolvimento de uma atividade multitarefa e polivalente. Em primeiro lugar, pela quantidade de tarefas delegadas aos professores (mais de 80 atividades diferentes foram listadas por eles), em segundo, pela insuficiência de tempo na jornada de trabalho para sua realização: 71,4% dos professores consideram a jornada de trabalho insuficiente; destes, 94% estendem a jornada de trabalho para casa como estratégia de enfrentamento

ao “*atropelamento informacional e de várias tarefas requisitadas ao mesmo tempo*” (P181). O aumento do número de tarefas; a informatização de processos; o enxugamento do quadro de servidores técnicos administrativos e a consequente absorção, pelo professor, de algumas atividades burocráticas; e o uso de plataformas variadas para acessar e alimentar sistemas diversos das universidades configuram-se como fatores decisivos que compelem os professores a uma atividade multitarefa em ambiente ubíquo.

Para 84,3% dos professores, o uso das TD nos processos de trabalho favorece que tarefas sejam realizadas ao mesmo tempo. Para 67,9% deles, estar “presente” e “ao alcance” das pessoas via tecnologias digitais e/ou móveis, enquanto se está trabalhando, prejudica o desenvolvimento das atividades. Já para 77,1% dos professores o uso das TD favorece interrupções nos processos de trabalho, como, por exemplo, pausar a atividade para checar e-mails, acessar redes sociais e *links* não necessariamente ligados ao trabalho do momento. Por sua vez, as TD propiciam que a maioria dos professores realize mais de uma tarefa ao mesmo tempo no contexto de trabalho da PG. Para 34,6% dos professores, esse é um aspecto desvantajoso, pois não reverte em mais tempo livre para o professor. Outros 34,5% entendem que esse é um aspecto vantajoso, por permitir que o professor otimize seu tempo. Por sua vez, 19,6% dos pesquisados avaliam que a simultaneidade de tarefas realizadas com o uso das TD é extremamente desvantajosa para o professor, que trabalha “a mais” no mesmo período de tempo. Desse modo, as aparentes vantagens de ser multitarefa podem ocultar, sob a aparência de proficiência e ganho de tempo, uma relação de intensificação do trabalho docente. Em nossa análise, essa é uma questão controversa, pois elaborar um texto enquanto o computador processa outra informação é diferente de produzir um texto enquanto se atende a uma solicitação, de responder um e-mail durante uma reunião ou seminário, ou de responder a mensagens via dispositivos móveis durante as aulas; e repercutem tanto na economia da atenção quanto na profundidade da concentração.

A capacidade de ser multitarefa (relacionado a ser mais produtivo e eficiente realizando um certo número de tarefas ao mesmo tempo, por um determinado período) é um dos atributos elogiados e desejáveis que emergem dos discursos no âmbito da cultura digital. Ser multitarefa, no entanto, modifica a economia da atenção, que se fragmenta e, no final, é destruída (HAN, 2015). Assim, a técnica temporal de ser multitarefa não traz nenhum progresso no processo civilizatório: ao contrário, trata-se

de um retrocesso, pois gera uma atenção ampla, porém, rasa, que se assemelha à atenção de um animal selvagem que, na natureza, é obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades (caçar e não ser caçado, por exemplo). O autor complementa que “as mais recentes evoluções sociais e a mudança na estrutura de atenção aproximam cada vez mais a sociedade humana da vida selvagem” (HAN, 2015, p. 32).

A onipresença também emerge como preocupação decorrente dos efeitos psíquicos da ubiquidade e dos processos comunicacionais. Sob esse aspecto, o uso de dispositivos móveis tem repercutido de muitas maneiras no trabalho docente realizado na PG, assim como na vida social em geral: 27,8% dos professores afirmam que sempre e 45,2% afirmam que frequentemente são requisitados por meio desses dispositivos (através de mensagens instantâneas de aplicativos como WhatsApp ou de chamadas telefônicas) para fins de trabalho enquanto estão realizando outra atividade de trabalho. Nessa ambiência ubíqua, ao mesmo tempo em que as tecnologias auxiliam os professores em uma série de tarefas, os “*mantêm em contato permanente com o trabalho*” (P016) em função de demandas contínuas e excesso de solicitações. No mesmo contexto, as exigências do modo de trabalhar na PG parecem estar condicionando os professores a estarem sempre de prontidão, em posição de alerta, para atender às demandas que chegam nos mais variados horários e a qualquer dia da semana via TD, convertendo essa atividade, em muitos casos, num regime de trabalho 24/7 (CRARY, 2014), cujas imposições são colocadas tanto pelo ambiente de trabalho quanto pelo próprio indivíduo. “*Estar disponível sempre*” (P271) e “*estar ‘ao alcance’ dos alunos (e de todos) a todo momento*” (P236) remete à ideia de duplo movimento de ausência-presença simultaneamente em diferentes espaços, de modo cada vez mais contínuo – o que favorece a disposição ao trabalho e acentua as relações de exploração evidenciadas em alguns depoimentos: “*Ampliou minha carga horária de trabalho sem aumento correspondente do salário. O número de horas trabalhadas é ilimitado, considerando o quanto trabalho em casa, usando meu computador*” (P067). Nesse movimento, a positividade – que normalmente cerca o conceito de ubiquidade – ganha novos contornos, à medida que a aparente engenhosidade se metamorfoseia em expropriação em massa de tempo e práxis (CRARY, 2014) e que “o excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração [...] mais eficiente do que uma exploração pelo outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade” (HAN, 2015, p. 30).

Essas características do trabalho ubíquo repercutem na atenção parcial contínua – o ato de “prestar atenção parcial continuamente, por causa de um desejo [...] de conectar e ser conectado, de não perder nada, sempre em alto estado de alerta” (SANTAELLA, 2007, p. 239). Uma das consequências desse fenômeno é o paradoxal sentimento de vazio e a perda da capacidade de diferenciar situações que exijam alta e baixa densidade de atenção. Han (2015), referindo-se à falta de atenção profunda que o modo de vida contemporâneo fomenta, enfatiza que os desempenhos culturais da humanidade pressupõem uma ambiência em que seja possível uma atenção profunda. No entanto, a ubiquidade desloca a atenção profunda para uma atenção dispersa, caracterizada pela rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos. Nesse sentido, em conjunto com as condições de trabalho na PG, a ubiquidade instaura um obstáculo ao próprio trabalho intelectual dos professores, de modo paradoxal. Ao mesmo tempo em que expande as possibilidades de trânsito em espaços distintos, simultaneamente – o que contribui, em termos de tempo, para o aumento da produtividade – desencadeia os controversos processos multitarefa e de atenção parcial contínua: estes minam o estado de atenção profunda e contemplativa e de ócio, condição para os processos criativos que fazem parte da atividade intelectual e que repercutem na própria questão da produtividade. Há, portanto, uma corrosão do ócio: “*diminuiu o tempo de descanso*” (P041) ou, em outros casos, é “*o fim do descanso*” (P036). “*Meu tempo de ócio diminuiu. Sinto-me uma máquina*” (P133).

Esses depoimentos reportam ao que Marx (1996) anunciava nos seus escritos: sem tempo livre, o homem é rebaixado à categoria de uma simples máquina, fisicamente destruída e espiritualmente animalizada. E, para Marx – compreendendo o fenômeno como uma condição da lógica imanente do capital –, a história demonstra que a lógica capitalista visa incessantemente conduzir a classe trabalhadora a esse nível extremo de degradação. No mesmo sentido, o trabalhador contemporâneo, em ritmo de vida e trabalho intensos e às voltas com o excesso de estímulos oriundos da cultura digital, se vê em meio a um estado de hiperatenção, a atenção dispersa que não tolera o ócio. Nesse caso, mais do que vivermos em uma sociedade cansada e doente, “por falta de repouso, nossa civilização caminha para uma nova barbárie” (HAN, 2015, p. 37).

As menções de que o “trabalho é realizado o tempo todo” ou de que qualquer momento se converte em momento de trabalho acabam repetindo-se nos depoimentos dos professores e podem ser assim sintetizadas: “*O trabalho agora é full time*” (P144).

Essa ampliação do trabalho para todo e qualquer espaço e tempo de vida redimensiona o próprio papel do professor, ou como ele representa sua identidade docente nesta ambiência: “*De certa forma, me tornei ‘atemporal’*” (P121). Essa identidade, quase sobrenatural, resume como muitos professores se veem em relação ao seu trabalho na PG frente a “*uma ampliação da relação espaço/tempo para uma quantidade muito maior de “trabalho direto”, ou seja, atenção aos alunos e à coordenação*” (P121) que, na impossibilidade de ser realizado com superpoderes, acaba sugando todas as energias dos docentes: “*A principal alteração é o trabalho em tempo integral. Durmo pouco e sempre com uso de remédios, vivo cansado, irritado, esgotado, exausto e sempre pressionado por muitos prazos e urgências todos os dias*” (P003). “*Não tenho tempo de fazer nada*” (P244). Por esses depoimentos fica claro que, pelo menos para uma parte dos professores da PG, não apenas as condições de trabalho são degradantes, mas também as próprias condições de vida, visto que em muitos casos o trabalho é definido como trabalho em tempo integral, levando às últimas consequências a expressão “dedicação exclusiva” que caracteriza o regime de contratação da maioria dos professores pesquisados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto analisado, a ubiquidade adquire um caráter paradoxal: permite ao professor transitar de modo mais fluído entre os diferentes espaços, otimizar o tempo de trabalho, reduzir distâncias e deslocamentos físicos e instaurar processos de trabalho não presenciais, mas também permite o desencadeamento de um processo que coloca o professor em constante contato com o trabalho. A ubiquidade, nesse sentido, avança para além das potencialidades comumente positivas da simultaneidade de estar presente em dois espaços distintos, para os riscos das consequências deste fenômeno: tendo surgido no âmbito do modo de produção capitalista, a ubiquidade é convertida à sua lógica, compelindo os seres humanos ubíquos a demandarem seus pares a fim de, no horizonte, atenderem às demandas por produtividade. Sob esta lógica, já não cabe falar meramente em trabalho intensificado, mas sim em trabalho in/extensificado.

Os atributos da ubiquidade repercutem sobre a relação presença-ausência e a mobilidade simultânea por diferentes espaços. O lugar converte-se em transitório e o

indivíduo passa a estar sempre presente, mesmo que esteja ausente. Mas, na lógica do trabalho da PG, a onipresença promovida pela comunicação ubíqua não tem nada de sobrenatural: ao contrário, inscreve-se nas condições humanas no limiar das características precárias de trabalho, pois significa que o indivíduo está onipresente para o trabalho, assim como o trabalho está onipresente para o indivíduo. Paradoxal e eventualmente, essa onipresença garante uma maior produtividade – o que pode ser visto como vantajoso em alguns casos e até como um atributo de engenhosidade do indivíduo produtivo. Mas a ampliação de tempos de trabalho e sua intensificação são as marcas que mais se evidenciam sob este aspecto, de acordo com os depoimentos dos participantes da pesquisa.

A temática do trabalho ubíquo ainda precisa ser melhor compreendida. Contudo, os deslocamentos de lugares, espaços e tempos, a ubiquidade da comunicação, a simultaneidade e o impulso para levar o trabalhador a produzir em uma tessitura 24/7, como afirma Crary (2014), em muitos aspectos se aproxima dos depoimentos que evidenciamos no decorrer da pesquisa. Produzindo a todo momento, em todos os espaços, *on-line* e *off-line*, o professor e o seu trabalho ubíquo viriam a ser a última palavra de performatividade e produtividade na sociedade do desempenho (HAN, 2015), na qual se realiza o trabalho na PG.

Por fim, a despeito das inúmeras potencialidades e indagações que a vida ubíqua suscita, não podemos perder de vista que esse modo de vida *on-line* também é alcançado pelas relações de produção do modo capitalista, que coloniza o tempo livre com obrigações em rede (POWERS, 2012) e que amplia os espaços de produção, ao passo que estende os tempos de produção. Pelo que evidenciamos até aqui, o trabalho docente na PG, além de praticamente não se fazer sem o uso das TD, se torna ubíquo à medida que exige deslocamentos do *off-line* para o *on-line* de modo incessante. Além do trabalho ter caráter ubíquo, o próprio professor torna-se ubíquo, pela característica da sua atividade e também em função de estar imbricado em uma cultura cada vez mais digitalizada. Ser ubíquo e estar sempre presente em diferentes espaços também significa, no modo de produção vigente, estar conectado para produzir ou consumir durante todo o tempo. A expressão trabalho *full time* na PG com o uso de tecnologias digitais pode não ser (ainda) uma generalidade, mas não podemos negar que as tecnologias mais importantes criadas nos últimos dois séculos foram aquelas vinculadas à administração e ao controle dos trabalhadores 24 horas por dia, sete dias por semana,

conforme Crary (2014, p. 39) situa: a tessitura 24/7 “anuncia um tempo sem tempo, [...] sem demarcação material ou identificável [...]. Implacavelmente redutor, celebra a alucinação da presença, de uma permanência inalterável, composta de alterações incessantes e automáticas. [...] o caráter inexorável do 24/7 repousa em sua temporalidade impossível”. O trabalho ubíquo é apenas uma dimensão desse processo.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, L. C. *Uberização do trabalho: subsunção real da viração*. São Paulo, Blog da Boitempo, 22 fev. 2017.

ALVES, G. *Trabalho e subjetividade – o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011

ANTUNES, R.; BRAGA, R. (Orgs.). *Infoproletários. Degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Boitempo, 2011.

AUGÉ, M. *Para onde foi o futuro?* Campinas: Papirus, 2012.

BIANCHETTI, L. *Da chave de fenda ao laptop. Tecnologia digital, novas qualificações e desafios à educação*. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

_____. VALE, I. R.; PEREIRA, G. R. *O fim dos intelectuais acadêmicos? Induções da CAPES e desafios às associações científicas*. Campinas: Autores Associados, 2015.

CARLOTTO, M. S. Fatores de risco do tecnoestresse em trabalhadores que utilizam tecnologias de informação e comunicação. *Estudos de Psicologia*, n. 15, p. 319-324, set./dez. 2010.

CATTANI, A.; HOLZMANN, L. (Orgs.). *Dicionário de trabalho e tecnologia*. 2. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Zouk Editora, 2011.

CHAUÍ, M. A Universidade Operacional. *Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas; Sorocaba, v. 4, n. 3, p. 3-8, out./dez. 1999.

CRARY, J. *24/7 – capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DAL ROSSO, S. *Mais Trabalho! A intensidade do labor na sociedade contemporânea*. São Paulo: Boitempo, 2008.

HAN, B. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.

HARVEY, D. *O enigma do capital e as crises do capitalismo*. 1. ed. rev. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, K. *O Capital*. Crítica da Economia Política. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

_____. *Grundrisse*. Manuscritos econômicos de 1857-1858: Esboços da crítica da teoria política. São Paulo: Boitempo, 2011.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso – princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.

POWERS, W. *O BlackBerry de Hamlet*. São Paulo: Alaúde, 2012.

SANTAELLA, L. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013.

SENNETT, R. *A corrosão do caráter: o desaparecimento das virtudes com o novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Edições BestBolso, 2012.

SGUISSARDI, V; SILVA Jr., J. dos R. *Trabalho intensificado nas federais*. Pós-graduação e produtivismo acadêmico. São Paulo: Xamã, 2009.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TREIN, E.; RODRIGUES, J. O mal-estar na academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento mercadoria. *Revista Brasileira de Educação*, v. 16, n. 48, p. 769-819, 2010.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.